

UNIVERSIDADE BRINCANTE UMA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Joana D’Arc Sampaio de Souza ¹
Eloí Ellen Vieira de Aguiar ²
Gabriele Cunha Da Silva ³
Helena Alves De Andrade ⁴
Maicon Silva Dos Santos Vilanova ⁵
Juliana Eugênia Caixeta ⁶

RESUMO

Este relato apresenta a experiência de uma visita técnica realizada à Universidade Federal de Sergipe (UFS), por ocasião do aniversário da instituição, com o objetivo de celebrar e compartilhar as ações da Universidade de Brasília (UnB) por meio de oficinas brincantes itinerantes em diversos campi. A proposta buscou promover o bem-viver, fortalecer vínculos comunitários e escutar as vozes da comunidade acadêmica. As atividades incluíram a distribuição de ecobags, tiaras criativas, desenhos terapêuticos e ações lúdicas como o karaokê, configurando-se como espaços de encontro, leveza e expressão afetiva. Foram promovidos momentos de escuta sensível entre estudantes e servidores, evidenciando a importância do cuidado, do brincar e da presença no cotidiano universitário. A experiência evidenciou o brincar como prática formativa, afetiva e política, capaz de promover vínculos, escuta e bem-viver no cotidiano universitário, contribuindo para reflexões sobre promoção de saúde e convivência na educação superior. A relevância do estudo reside em reafirmar o brincar como linguagem de cuidado e resistência, capaz de reencantar o espaço universitário e inspirar modos mais humanos de aprender e conviver.

Palavras-chave: brincar; bem-viver; ludicidade; escuta sensível; extensão universitária.

INTRODUÇÃO

¹ Mestre em Psicologia, Pedagoga da Universidade de Brasília - DF, joanasouza@unb.br;

²Graduanda em Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade de Brasília - DF, eloii_ellen03@icloud.com;

³Graduanda em Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade de Brasília - DF, gabrielegabicunha@gmail.com;

⁴Graduanda em Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade de Brasília - DF, helenaalvesdeandrade@gmail.com;

⁵Graduando em Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade de Brasília - DF, maiconsantosvila512@gmail.com

⁶ Professora orientadora: Doutora em Psicologia, Faculdade de Planaltina -Universidade de Brasília - DF, jucaixeta.unb@gmail.com.



Assim, este relato busca compreender como o brincar, enquanto prática lúdico-afetiva, pode contribuir para o bem-viver e o fortalecimento de vínculos nas comunidades acadêmicas da UFS, descrevendo os caminhos percorridos, as estratégias utilizadas, os sentidos produzidos e os desafios enfrentados ao longo dessa experiência. Mais do que descrever ações, o estudo propõe refletir sobre o potencial transformador do brincar e da



escuta na universidade, compreendidos aqui como práticas de cuidado, convivência e resistência cotidiana.

METODOLOGIA

A visita técnica à Universidade Federal de Sergipe (UFS) foi concebida como uma ação itinerante, de caráter interventivo e formativo, ancorada nos princípios da escuta sensível, da ludicidade e do cuidado com a experiência universitária. Fundamentada na pesquisa-ação (Barbier, 2007) e na epistemologia sensível do encontro (Hissa, 2013), a proposta metodológica seguiu uma abordagem qualitativa, centrada na vivência, na participação espontânea e na escuta como dispositivo de produção de sentido e vínculo.

A equipe organizadora, atuando como pesquisadora-participante, realizou oficinas brincantes em diferentes campi da UFS - Aracaju, Itabaiana, Lagarto, Sertão, São Cristóvão e Laranjeiras, considerando as especificidades de cada território e a receptividade das comunidades acadêmicas locais. As atividades foram planejadas de modo aberto, acolhedor e não hierárquico, convidando estudantes, docentes e técnicos a envolverem-se em experiências simples, porém profundamente significativas: pintura livre em eco bags, confecção de tiaras criativas, desenhos terapêuticos e momentos de karaokê.

O eixo metodológico da vivência esteve centrado na criação de ambientes de confiança e afeto, nos quais o brincar não fosse apenas um recurso, mas uma linguagem de encontro. As propostas foram conduzidas em uma perspectiva relacional, respeitando o tempo do outro, os gestos, as falas e os silêncios que emergiam de cada interação.

Além das oficinas, foram promovidos momentos de escuta ativa e acolhimento, por meio de rodas de conversa informais, interações espontâneas e observação participante. Essa escuta foi compreendida como gesto político e pedagógico, conforme nos inspira Freire (1996), ao reconhecer a voz do outro como potência de transformação e de construção coletiva do saber.

O registro da experiência incluiu anotações em diário de campo, registros fotográficos (com consentimento), conversas informais e impressões compartilhadas pela equipe. Em vez de uma análise quantitativa, priorizou-se a produção de narrativas e sentidos a partir das vivências compartilhadas, revelando afetos, percepções e aprendizados tecidos ao longo do percurso.



Desse modo, a metodologia se alinha aos princípios da pesquisa-formação, em que o ato de conhecer se dá na experiência compartilhada e sensível entre sujeitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que sustenta esta experiência dialoga com autores que compreendem o brincar, a escuta e o afeto como dimensões políticas, formativas e epistemológicas da existência humana. Na perspectiva de Freire (1996), a escuta é um ato de amor e compromisso, um gesto político que reconhece o outro como sujeito de saber. Essa concepção sustenta a prática da Universidade Brincante, que busca instaurar espaços de diálogo, convivência e sensibilidade nos cotidianos acadêmicos. O brincar, nesse contexto, deixa de ser uma atividade recreativa e se torna linguagem de aproximação, de cuidado e de resistência, capaz de tensionar a lógica produtivista e a normatividade institucional que frequentemente silenciam as subjetividades.

Em consonância com Krenak (2019), entende-se que é preciso “adiar o fim do mundo” por meio de gestos que cultivem o vínculo com a vida. O brincar, ao reencantar o cotidiano, expressa esse movimento ético e existencial de reconexão entre natureza, corpo e comunidade. Nessa mesma direção, Boaventura de Sousa Santos (2009) propõe uma ecologia de saberes, reconhecendo o valor das experiências e dos conhecimentos produzidos fora dos moldes da racionalidade moderna. A vivência brincante, ao integrar arte, afeto e escuta, materializa essa ecologia na prática, legitimando formas plurais de conhecimento.

Sob o olhar da complexidade defendida por Morin (2014), a experiência extensionista também desafia a fragmentação entre razão e emoção, ciência e sensibilidade, propondo uma formação que reconhece a incerteza e o inacabamento como componentes da vida e do aprender. Assim, o brincar emerge como um campo de aprendizagem que mobiliza tanto o pensamento quanto a imaginação, promovendo vínculos e pertencimento.

Para Furia (2019), o brincar na vida adulta não é regressão, mas afirmação da potência criativa e relacional dos sujeitos. Essa visão amplia o sentido formativo do brincar, compreendido como experiência de liberdade, invenção e expressão. Quando incorporado ao contexto universitário, o brincar torna-se prática pedagógica e política, pois convoca a presença, o encontro e a construção coletiva de sentidos.



São Cristóvão

Como campus sede, São Cristóvão concentrou um fluxo maior de participantes. As ações ali foram intensas, com grande diversidade de perfis. Muitos estudantes se



emocionaram com os desenhos e com a possibilidade de cantar. Houve também maior presença de servidores e docentes, que destacaram a importância de iniciativas que rompam com a rotina rígida e favoreçam o bem-estar coletivo.

Laranjeiras

Local de forte identidade cultural, o campus de Laranjeiras proporcionou uma vivência sensível e artística. O karaokê ganhou tons performáticos, com expressões criativas e espontâneas. A escuta foi permeada por relatos de resistência cultural e desafios estruturais. O lúdico somou-se ao engajamento político e afetivo dos estudantes, tornando-se gesto de resistência e pertencimento.

Em todos os campi, a leveza do brincar ativou memórias, afetos e vozes, criando brechas para conversas que dificilmente emergiriam em contextos formais. As ecobags e tiaras tornaram-se mediadoras do encontro, disparadores de sorrisos e conversas, enquanto os desenhos terapêuticos ofereceram um tempo desacelerado, de interiorização, permitindo que os corpos acadêmicos respirassem e se expressassem em liberdade.

As escutas realizadas revelaram o quanto os espaços universitários carecem de pausas sensíveis e do reconhecimento das subjetividades. Muitos participantes relataram sentir-se “visíveis” e “acolhidos” pela proposta. Com gestos simples e potentes, reafirmou-se o compromisso ético de uma universidade viva, que aprende e se transforma também pelos afetos.

Análise e Reflexões

A análise dos registros permitiu identificar três eixos principais de sentido:

1. **O brincar como prática de escuta e pertencimento** – O lúdico atuou como mediador das relações e dispositivo de escuta ativa. A espontaneidade do karaokê e as rodas de conversa mostraram que o brincar cria um campo de confiança e expressão, onde o outro pode existir com autenticidade.
2. **A ludicidade como linguagem de saúde e bem-viver** – As ações revelaram o potencial do brincar como estratégia de cuidado e promoção de saúde integral. Inspiradas nos princípios do bem-viver e da educação sensível (Krenak, 2019; Morin, 2014), as vivências favoreceram vínculos e expressões afetivas, essenciais à formação humana e à sustentabilidade emocional na universidade.
3. **A itinerância como estratégia formativa e política** – O deslocamento pelos diferentes campi explicitou a potência da extensão universitária enquanto prática de diálogo e decolonização. A vivência se alinha à ecologia de saberes

de Boaventura de Sousa Santos (2009), ao reconhecer que todo território é produtor de conhecimento e que o encontro é também formação.

Esses resultados reforçam que o brincar, entendido como gesto educativo e político, tem potencial para reencantar o cotidiano universitário, ampliar os horizontes da formação e cultivar o bem-viver como princípio da vida acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida durante a visita técnica itinerante aos campi da Universidade Federal de Sergipe reafirma o valor das práticas educativas que acolhem a ludicidade, a escuta e o cuidado como dimensões estruturantes da vida universitária. Em meio aos desafios cotidianos enfrentados por estudantes, servidores e docentes, que vão desde pressões acadêmicas até sentimentos de solidão e invisibilidade, o gesto de brincar e de escutar se mostrou profundamente transformador.

Mais do que uma ação pontual, as oficinas brincantes atuaram como dispositivos de interrupção da lógica automatizada da produtividade, abrindo frestas para encontros autênticos e afetivos. O sucesso da proposta indica a urgência de incorporar políticas e práticas institucionais que reconheçam a complexidade da vida universitária e que favoreçam o bem-estar coletivo.

Escutar a comunidade acadêmica com atenção e promover ações que valorizem a criatividade, a expressão e o vínculo é, hoje, um desafio ético e político. A universidade que queremos é aquela que educa também pelo afeto, que acolhe a pluralidade dos corpos que a habitam, e que compreende que aprender e ensinar são experiências essencialmente humanas e, por isso mesmo, também lúdicas, imprevisíveis e afetivas.

A experiência aqui relatada não pretende encerrar caminhos, mas inspirar novos percursos possíveis. Que a Universidade Brincante siga semeando gestos de leveza, presença e pertencimento nos diferentes territórios da educação superior. E que, ao brincar juntos, possamos seguir inventando modos mais vivos e mais humanos de estar no mundo. A continuidade de ações como esta pode inspirar políticas institucionais de cuidado, inclusão e convivência, reafirmando a universidade como território de vida e criação.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a comunidade acadêmica de Sergipe que nos acolheu com muito amor e desejo de partilha em cada momento das vivências.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2007.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURIA, Fernanda. *Adultos que brincam: uma abordagem do brincar na vida adulta*. São Paulo: Pólen, 2019.

HISSA, Cássio. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2014.

